

Roger Bastide, professor da Universidade de São Paulo

MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIRÓZ

Roger Bastide (1898-1974) chegou ao Brasil em 1938 para ocupar a cátedra de Sociologia I, no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo deixada vaga pelo professor Claude Lévi-Strauss; Bastide aqui esteve até 1984, quando partiu definitivamente para a França onde foi lecionar primeiramente na *École Pratique des Hautes Études, 6e Section*, hoje *École des Hautes Études en Sciences Sociales*; nomeado em seguida para a Universidade de Paris, cátedra de Sociologia, também foi durante mais de dez anos professor no *Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine*. Seu regresso para a França significou, dizia ele, um terrível aumento de trabalho...

Chegou ao Brasil num momento em que a rápida urbanização do país, e principalmente de São Paulo, fazia nascer problemas variados e desenvolvia a olhos vistos outros já existentes; tal situação era propícia à realização de pesquisas de campo. Bastide, porém, não havia ainda efetuado investigações significativas desse tipo, como o demonstram os artigos que publicou de 1921 a 1937 na França; eram análises, reflexões, comentários sobre a produção dos intelectuais franceses, sociólogos ou não, e a vasta bibliografia de seus trabalhos mostra-o plenamente (Bey-Lier, 1977; Dauty, 1978 e 1985); como única exceção, a pesquisa efetuada sobre os migrantes armênios da cidade de Valence, na França (Bastide, 1931). Instalado em São Paulo, continuou a publicar intensamente em jornais e revistas brasileiros artigos e ensaios sobre a produção de autores nacionais; alguns artigos tiveram por base a observação direta de um sociólogo francês sobre a cidade em que viera viver e, como não podia deixar de ser, comparando-a saborosa e... sociologicamente com o que conhecia na França. O primeiro desses artigos data de 1940; mas, antes deste, havia já publicado no país dez outros... (1). Sua obra constitui, hoje, material inestimável para se conhecer a produção sociológica e antropológica nacionais, assim como o desenvolvimento das letras e das artes.

A contribuição que trouxe às Ciências Sociais brasileiras constituiu, primeiramente, o precioso elo que estabeleceu entre os sociólogos nacionais dos primeiros tempos, que vão desde 1870 a 1940 aproxi-

madamente, e os que vieram em seguida à fundação da Universidade de São Paulo (2), passando pelo Departamento de Ciências Sociais ou pela Escola Livre de Sociologia e Política, fundada um ano antes. A contribuição de seus predecessores ao seu próprio trabalho, ele a reconheceu na homenagem que lhes rendeu na Introdução de seu extraordinário trabalho sobre as religiões negras no Brasil, mostrando o quanto aprendeu com elas (Bastide, 1960). Formou aqui uma primeira turma de cientistas sociais, cujas obras, voltadas para problemas os mais variados, revelam uma faceta muito importante do mestre: a liberdade que dava aos seus alunos.

A ação que desenvolveu foi além da Sociologia, da Antropologia Social, da Psicologia Social, disciplinas que se aninham sob o título de Ciências Sociais, estendendo-se à Psicanálise e à Psiquiatria, à Filosofia e à Moral, chegando à Literatura e às Artes, pois deu diferentes cursos sobre as relações entre a Sociologia e estes outros ramos do saber, alguns dos quais, ulteriormente, transformados em livros. Como naquela época os cursos eram anuais, costumava determinar aos alunos trabalhos de pesquisa para a nota de *aproveitamento*, o que os forçava a desenvolver temas, a colher materiais e analisá-los, a utilizar técnicas pouco conhecidas.

O vasto leque de seus conhecimentos teóricos operava uma expansão extraordinária de perspectivas para quem o ouvia, mostrando a multiplicidade dos pontos de vista e dos sistemas de pensamento dos diversos autores de variadas correntes e de muitos países: as diferenças entre a Sociologia de Durkheim e a de seu contemporâneo Gaston Richard, a ampliação trazida por Max Weber ao estudo das sociedades; as pesquisas de Radcliffe-Brown; Karl Mannheim e o início da Sociologia do Conhecimento; as contribuições da Antropologia Cultural Americana.

Sua influência se estendeu para fora da USP. Alunos de outras escolas e de outros estados frequentavam suas aulas como ouvintes. Cooperação e prestígio ultrapassavam o círculo dos estudiosos das Ciências Sociais e se estendiam a disciplinas vizinhas. Deu cursos no Hospital Psiquiátrico do Juqueri; mostrou as convergências entre a Sociologia e a Psicanálise; deu importantes subsídios para o estudo das relações entre arte e sociedade. A respeito desta última contribuição, Antonio Cândido assim se expressa: "Roger Bastide se interessou a fundo pela nossa arte e pela nossa literatura, tornando-se um crítico militante e um estudioso que pesou de maneira notável na interpretação de fatos, idéias e obras". Com artigos, ensaios, resenhas, colaborava constantemente nos jornais, "registrando livros novos, comentando exposições, debatendo teo-

rias... Sua visão sociológica concorria para a ampliação das interpretações, sendo um dos raros estudiosos "a usar com segurança e felicidade essa combinação difícil" da Sociologia e da crítica de Arte (Antonio Cândido, 1993:99 a 104).

Os alunos, os pesquisadores e também os assistentes de qualquer matéria eram considerados por ele, de maneira inteiramente natural, como especialistas em graus diferentes de formação, criando um clima tanto quanto possível igualitário, pois o respeito mútuo entre os indivíduos era para ele princípio fundamental que espontaneamente seguia.



Acervo FFCL-USP

Roger Bastide

Seu respeito pelas preferências do *outro* era manifesto, sendo muito visível na liberdade de escolha de temas que deixava aos orientandos, não exigindo planos preliminares muito detalhados nem programas precisos de emprego de tempo; mas exigia a apresentação regular de relatórios nutridos com a descrição dos dados colhidos e de seu encadeamento, dentro de uma perspectiva essencialmente sociológica. Também com estudantes e pesquisadores mantinha aquela "reciprocidade igualitária em suas relações" que, segundo Paul Arbousse-Bastide, era uma característica essencial sua (Arbousse Bastide, 1978:48).

Raramente discutia de forma direta com um orientando o trabalho empreendido por este e que lhe era entregue por escrito; lia o

material com muito cuidado, efetuando por escrito as críticas nas margens do relatório ou em folha avulsa. A explicação dessa maneira de agir talvez estivesse ligada à surdez que o acometera a qual, a princípio, procurava esconder; porém, agravando-se o defeito, não poderia dissimulá-lo. É muito provável, ainda, que decorresse também de seu difícil manejo da língua nacional: não conseguiu aprender o português. Pouco a pouco, foi fabricando um idioma *sui generis*, mistura curiosa de francês, latim e provençal, em que surgiam aqui e ali palavras brasileiras. Quando regressou à França, e até o fim de sua vida, nas aulas e nas palestras surgiam subitamente termos nacionais afrancesados, deixando seus ouvintes perplexos; por exemplo. Não foi mais capaz de dizer *les négrillons*, dizia invariavelmente *os pretinhos*; não lhe ocorria mais o termo *porte cochère*, saía sempre *os portons*. ... Era uma outra forma de mostrar o apego ao Brasil.

Henri Desroche, que conheceu Bastide quando de seu regresso à França, foi quem melhor definiu suas relações com estudantes e orientandos: "Sem o perceber, ia distribuindo dádivas aos que o rodeavam (...) Era exigente, severo, minucioso em excesso, mas, ao mesmo tempo, tão cheio de sugestões, tão diretamente comunicativo, tão dinamizante que, para o candidato, um exame efetuado por Roger Bastide era certamente uma provação, mas também continha um outro aspecto honroso e alegre, e saía sentindo-se tranqüilizado, reconfortado, estimulado (...) E muitas vezes (...) pude me dar conta do valor de sua contribuição, um valor a que se conjugavam a simplicidade, a pertinência, a sutileza..." (Desroche, 1978:73).

Desenvolveu relações de amizade com intelectuais dos mais diversos pontos do país, que o consultavam e sobre cujos livros publicou resenhas. Um estudo das cartas de estudantes e colegas brasileiros recebidas por Roger Bastide, antes e depois de seu retorno à França, revelaria a amplitude de sua influência sobre os pesquisadores nacionais e de variadas disciplinas. Aliás, o regresso à França não diminuiu seu grande interesse pelo povo e pelos problemas do Brasil; um lançar d'olhos para a abundante produção de livros e artigos a partir de 1954 — ano em que partiu definitivamente de regresso à pátria — comprovam plenamente esta asserção (Beylier, 1977; Dauty, 1985 e 1989).

Diante do valor de sua contribuição e da variedade da mesma, diante de tantos anos em que buscou ir cada vez mais a fundo na compreensão do Brasil, é comum a pergunta dos franceses: teria ele *feito escola* aqui? Para responder, há que se buscar o significado desta expressão. Segundo o *Pequeno Dicionário Brasileiro*, quer ela dizer *sistema conjunto de adeptos de um mestre* (Holanda Ferreira, 1960:486), isto é,

significa reunir em torno de si adeptos que só admitem como válido o que afirma o mestre; ora, Bastide impossibilitava tal maneira de agir, tal o seu respeito pelo *outro*. De acordo com o *Petit Larousse*, significa *ter muitos imitadores* (*Petit Larousse*, 1962:348); mas a existência de copiadores era impossível, Bastide era inimitável.

Um grande amigo seu e guia nos diversos templos afro-brasileiros da Bahia, Pierre Verger, francês inteiramente *abrasileirado*, descreveu-lhe as qualidades fundamentais; Bastide era "antes de tudo um homem que sabia se pôr no lugar dos outros e compreender os pontos de vista deles. Tinha rara facilidade para raciocinar com os argumentos de seus interlocutores e ver as coisas com os olhos destes, fosse qual fosse a estranheza que ressentisse e, o que não prejudicava em nada as coisas, sabia se colocar na posição do *outro* de maneira fina e saborosa" (Verger, 1978:52). Não é de estranhar que, por onde tenha andado no Brasil, deixasse viva a sua imagem e, entre os pesquisadores que trabalharam sob sua direção, um profundo sentimento de saudade, essa máguia nostálgica banhada de afeição tão caracteristicamente brasileira...

Notas

- 1 A qualidade, a quantidade, a variedade dos livros, artigos e resenhas é verdadeiramente extraordinária, segundo mostram as bibliografias existentes: Beylier, 1977, especialmente para o Brasil; Dauty, 1978 e 1985; Trindade, 1985.
- 2 Roger Bastide pertencia à geração dos autodidatas em Ciências Sociais da França, pois só a partir da década de 1950 teve esse país uma formação especial para tal área; anteriormente, a Sociologia era uma disciplina constante dos cursos de Filosofia e de Moral. No Brasil, a formação específica se inaugurou em 1933 com a Escola Livre de Sociologia e Política e, em 1934, com o Departamento de Ciências Sociais, da USP.

Referências bibliográficas

- ANTONIO CÂNDIDO. *Recortes*. S. Paulo, Companhia das Letras, 1933.
- ARBOUSSE-BASTIDE, Paul. Mon ami Roger Bastide. S. Paulo, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, USP, n. 20, 1978.
- BASTIDE, Roger — Les arméniens de Valence. Paris, *Revue Internationale de Sociologie*, v. 39, n. 1-2, 1931.
- BEYLIER, Charles — *L'Oeuvre Brésilienne de Roger Bastide* Paris, Thèse de doctorat de 3^e cycle, École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1960 (xerox).
- DAUTY, Denise. Roger Bastide, bibliographie, 1921-1974. Paris, *Cahiers d'anthropologie*, numéro spécial, 1978.

- _____. *Roger Bastide et le nouvel humanisme*. Paris, thèse de doctorat de 3e cycle, École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1985 (xerox).
- DESROCHE, Henri. Roger Bastide. L'homme et son oeuvre. S. Paulo, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, USP, n. 20, 1978.
- HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 10ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1960.
- TRINDADE, Liana Mª Salvia. *A produção intelectual de Roger Bastide. Análise documental e indexação*. S. Paulo, Centro de Estudos de Sociologia da Arte, USP, 1985 (xerox).
- PETT LAROUSSE – Paris, Librairie Larousse, 12ª ed., 1962
- VERGER, Pierre. Roger Bastide. S. Paulo, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, SP, n. 20, 1978.

Maria Izaura Pereira de Queiróz é professora emérita da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.